

USO DA TECNOLOGIA DIGITAL PARA A FORMAÇÃO CULTURAL, CULTURA LOCAL PARA O MUNDO GLOBALIZADO¹

MAFRA, Priscila Zanganatto²

MUÑOZ, Cleide Maria dos Santos³

RESUMO

O presente artigo descreve a prática de aula de duas professoras do ensino superior da cidade de São Paulo e sua formação constante na vida profissional a partir das experiências dos seus alunos. Diariamente acompanhamos avanços tecnológicos, porém ainda percebemos a resistência de alguns professores em diferentes graus da educação, do ensino infantil até o ensino superior, em utilizá-los como aliados na construção de suas aulas. Outro assunto muito discutido e pouco executado é a interdisciplinaridade, sabe-se a importância desse tema para educação, mas na prática ainda temos encontramos muitos muros a serem derrubados, seja por parte dos professores, da direção ou mesmo do sistema educacional que na prática pouco convida a remover. Para embasar teoricamente esse trabalho destacamos alguns autores que visam a educação como renovação na prática e na influência social e cultural. Nesse artigo descreveremos o uso da tecnologia digital como a ferramenta principal para o desenvolvimeto dessa pesquisa coletiva e interdisciplinar, na qual professoras apresentaram a teoria e tornaram-se mediadoras e os alunos pesquisadores desenvolveram a prática nos locais que conheciam, porém não reconheciam como “espaço cultural”. Utilizando o Google

¹ Artigo apresentado ao Eixo temático 11 – Educação a distância/ Educação on-line/Métodos e processos pedagógicos do IX Simpósio Nacional da ABCiber

² Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP), Professora Aposentada do Ensino Fundamental I (Rede Pública Estadual de SP), Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré. E-mail: priscilazanganatto@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo – Novas Tecnologias em Educação. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré e Pós - Graduação do Curso de Gestão Escolar no Centro Universitário SENAC-SP.E-mail:cleide.munoz@gmail.com

Maps, os ambientes, como bairros, parques, praças, ruas, SESC, Fábricas de Cultura, entre outros, que os alunos passavam e ignoravam, foram detalhados pelos olhares dos alunos/pesquisadores, apresentados em sala de aula em diferentes disciplinas, focando arte, cultura e as inovações no currículo escolar. Depois de debatidos em sala de aula foram postados em um Blog, criados pelas professoras/mediadoras. Percebemos o grande número de acesso e divulgação de envolvidos na área da educação. Além dos debates em sala de aula, continuamos a discussão em comentários virtuais e compartilhamentos. O trabalho de pesquisa saiu das paredes da sala de aula para o mundo globalizado, o que nos orgulha como professoras provocadoras e motiva os futuros pedagogos protagonistas a praticarem a transformação na educação.

Palavras-chave: tecnologia digital, espaço cultural, mediadoras, protagonistas.

ABSTRACT

This article describes the teaching practice of two higher education teachers in the city of São Paulo and their constant training in professional life based on the experiences of their students. Daily we follow technological advances, but we still perceive the resistance of some teachers in different degrees from education, from kindergarten to higher education, to use them as allies in the construction of their classes. Another very discussed subject and little execution is the interdisciplinarity, we know the importance of this subject for education, but in practice we still have many walls to be overturned, either by the teachers, the direction or even the educational system that in practice little invites to remove. To base this work theoretically we highlight some authors who aim at education as a renewal in practice and in social and cultural influence. In this paper we will describe the use of digital technology as the main tool for the development of this collective and interdisciplinary research, in which teachers presented the theory and became mediators and the students investigators developed the practice in the places they knew, but did not recognize as "space cultural". Using Google Maps, environments such as neighborhoods, parks, squares, streets, SESCOs, Culture Factories, among others, that the students passed and ignored were detailed by the students ' / researchers' looks presented in the classroom in different disciplines , Focusing on art, culture and innovations in the school curriculum. After debating in the classroom were posted on a Blog, created by the teachers / mediators. We perceive the great number of access and dissemination of those involved in the area of education. In addition to classroom discussions, we continue the discussion in virtual comments and sharing. Research work

has left the walls of the classroom to the globalized world, which makes us proud as provocative teachers and motivates the future leading pedagogues to practice transformation in education.

Key words: digital technology, cultural space, mediators, protagonists.

A ACEITAÇÃO DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Por quase trinta anos, nós, as autoras, estamos na área da educação lecionando em diferentes graus, do ensino infantil até o ensino superior, aprendemos a aprender a utilização dos avanços tecnológicos e fomos adaptando nossas e novas práticas educacionais à contemporaneidade. Porém percebemos a resistência de muitos colegas de profissão com a tecnologia digital, por motivos diferentes como falta de conhecimento, resistência a modernização, utilização das práticas do século passado – onde o computador substituiu a máquina de escrever, trabalhos datilografados “modernizaram-se” para trabalhos digitados, e a impressora servia só para reproduzir os planejamentos e atividades ultrapassados, ou a mais revoltante das práticas, não acreditar que aprendemos com nossos alunos.

Atualmente percebemos que os nativos da tecnologia digital tem uma habilidade impressionante no domínio dos novos aplicativos. Acompanhamos crianças que ainda não dominam a língua falada e muito menos escrita, porém reconhecem os ícones de comando no celular, tablets e computadores, abrindo diferentes telas com seus games favoritos. Os “mais velhos” – por volta dos seus seis anos de vida – já baixam aplicativos e ensinam seus familiares como se fossem os educadores.

Incentivá-los as descobertas digitais e aprender com eles será, no nosso ponto de vista, a solução para uma educação de qualidade.

No caso do ensino superior, a maioria dos alunos utilizam a internet para participar das redes sociais, para acessar serviços bancários, atividades culturais, programar viagens, entre tantas outras pesquisas, e em atividades escolares também acessam on-line as informações gerais da instituição.

“Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a

tecnologia põe a serviço das crianças e adolescentes das classes sociais chamadas desfavorecidas.” FREIRE, 2011, p.87

Assim, a educação utiliza a internet como fonte de pesquisa e incentiva as pessoas a pesquisarem, enfim utilizar os avanços tecnológicos como aliados na construção de aulas.

Outro assunto muito discutido e pouco executado é a interdisciplinaridade, sabe-se a importância desse tema para educação, mas na prática ainda temos encontramos muitos muros a serem derrubados, seja por parte dos professores, da direção ou mesmo do sistema educacional que pouco convida a remover.

Participamos de diferentes cursos, palestras, congressos, enfim encontros com profissionais que se importam com mudanças significativas, porém muitos dos professores, que estão atuando em sala de aula, não se interessam em por em prática as transformações que pesquisadores desenvolvem, discutem e socializam em publicações, seja em livros impressos ou em sites.

Fazer pesquisa numa perspectiva interdisciplinar é a possibilidade de buscar a construção coletiva de um novo conhecimento, prático ou teórico, para os problemas da educação. Não é, em nenhuma hipótese, privilégio apenas dos doutores ou livre-docentes das universidades. FAZENDA, 2012, p. 88

Separar aprendizagem por disciplinas, limitar horários para falar sobre assuntos que se envolvem nas diferentes linguagens que se completam, chegam a incomodar professores que estão envolvidos na educação do século XXI, por isso nosso trabalho é somar as práticas, multiplicar os conhecimentos, dividir as tarefas e diminuir a ansiedade de inovar.

A TEORIA TRANSFORMADA EM PRÁTICA

Nós, professoras provocadoras, resolvemos utilizar de nossas experiências e inquietações para fazermos a diferença na educação. Acreditamos que todas as disciplinas de um curso se completam, que a tecnologia facilita e enriquece as aulas e que a vivência dos alunos devem ser base para o início da pesquisa e formação de um profissional pesquisador.

Trabalhando com diferentes disciplinas - como Multiculturalismo nas Relações Escolares, Metodologia do Ensino de Ciências, Conteúdos e Saberes do Ensino Fundamental I, Metodologia do Ensino de Arte e Programas e Currículo todas em semestres diferentes no desenvolvimento da formação de pedagogos - começamos a trocar experiências sobre nossos posicionamentos em relação ao uso das ferramentas digitais em sala de aula e percebemos que temos muito em comum. O uso de site de busca como “dicionário” durante a aula – para pesquisa de expressões apresentadas nos trabalhos acadêmicos - , as fotos tiradas pelos celulares , seja dos slides apresentados por nós, professoras, ou nas exibições dos trabalhos realizados pelos alunos – uma prática comum nas nossas aulas são esses registros nossas postagens e comentários nas redes sociais sobre aulas transformadoras, a informação em tempo real, os livros on-line, o conteúdo das aulas digitados em tablets ou computadores e socializado no email da turma, enfim vimos o quanto a tecnologia digital nos auxilia. Porém, essas práticas são conhecidas pelos alunos que nos acompanham em nossas trajetórias de formação de alunos/pesquisadores, mas com objetivo de demonstrar como a tecnologia digital é nossa aliada, muito mais do que suporte, mas como divulgadora das pesquisas, criamos um Blog.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história. FREIRE, 2011,p.133.

Acreditamos que a educação se renova constantemente, provocar esses educandos a participarem e transformarem a sua “história” de aluno/passivo à aluno/divulgador é um dos nossos objetivos profissionais.

MINHA CULTURA, NOSSAS DESCOBERTAS

O primeiro passo desse projeto foi a provocação nas aulas de Multiculturalismo nas relações escolares, disciplina ministrada no quarto semestre do curso de Pedagogia, com a seguinte questão: “Qual a cultura do seu bairro?”

Percebemos o quanto o conceito “cultura” ainda é pouco trabalhado e mal compreendido.

Segue algumas respostas dadas pelos alunos em sala de aula que nos incomodaram como profissionais da educação e como cidadãos críticas:

- *Professora, moro na periferia lá não tem nada de bom.*
- *Eu não tenho tempo de ver meu bairro, pois é muito violento. Vejo no Jornal da TV que toda hora mostra assalto no meu bairro, isso me assusta e eu fico com medo.*
- *Onde eu moro só tem funk, não tem cultura.*
- *Onde eu moro não tem nada, já onde trabalho tem o Museus, Parque, mas nunca entrei, isso não é para mim.*
- *Sou negro, você sabe como é difícil para mim andar em certos lugares.*
- *A senhora, professora, tem cultura porque estudou muito e deve morar em um bairro “rico”, nós moramos na periferia.*
- *No final de semana só assisto televisão, assim eu descanso.*
- *Trabalho na semana e no final da semana vou para o culto, não tenho tempo para fazer mais nada.*

Percebemos como professoras o quanto os futuros profissionais da educação precisam reconhecer a cultura e sua cidadania para poder apresentá-las para os outros alunos.

Iniciamos por um tema importantíssimo, o preconceito. Debates sobre “o que é cultura?”, “O que é periferia?”, “Como a diferença da cor de pele interfere no acesso à cultura?”, “Qual a importância da mídia na vida do cidadão”, “O que é bairro rico?”, “Por que o funk ainda é visto um ritmo marginal?”, “Até que ponto, a religião interfere na formação do cidadão?”

Durante o debate percebemos que muitos alunos não se reconheciam como ser participante da sociedade, seja pela cor da pele, pelo tipo do cabelo, nível econômico, lugar que reside, gosto musical, religião, entre tantos outros traumas que a sociedade pode deixar na auto-estima de uma pessoa. Reconhecendo cultura como manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo, debatemos também sobre cultura de suas famílias, tais como seus hábitos alimentares que variam muito dependendo da região do Brasil, dos temperos e preparo dos alimentos herdados de seus antepassados, da língua falada, das expressões e sotaques típicos de cada estado, dos “gostos” da sua família, como música, danças, etc .

Acreditamos que cabe ao professor discutir esses temas desde cedo e sempre em suas aulas, para no ensino superior haja o conhecimento sem as cicatrizes, mas sim a aceitação e criticidade do assunto.

Nenhuma experiência é educativa se não resultar tanto na compreensão de mais ideias quanto em uma organização melhor e mais ordenada das mesmas... Quando a educação tem como base a teoria e a prática sobre a experiência, ela se dá sem considerar que a matéria organizada pelo adulto e pelo especialista não podem oferecer um ponto de partida. No entanto, essa organização representa o objetivo em direção ao qual, a educação deveria se mover continuamente. DEWEY, 2010, p. 136.

Depois de motivados como cidadãos participantes, reconhecendo suas características pessoais, começamos o debate sobre as cultura das cidades, destacamos São Paulo, aonde está localizada a faculdade que trabalhamos.

Infelizmente, muitos centros culturais da cidade não faziam parte da vida de muitos alunos, porém sabiam que alguns se localizavam na Avenida Paulista, destacaram o MASP, Itaú Cultural, Casa das Rosas, Parque Trianon, entre outros. Justificaram que conheciam por assistir nas mídias, mas não nunca visitaram porque era “caro” - porém não sabiam que o MASP é gratuito as terças-feiras e os outros citados tem entrada franca -, falta de tempo e tantas outras “desculpas”, porque a necessidade do conhecimento para formação da cultura, poucos citaram.

Sobre a cultura dos bairros que moram ou trabalham, começamos a trabalhar o “olhar” para as características de cada lugar e a influência nos modos de vida da sociedade.

Os alunos se agruparam por bairros que residiam ou trabalhavam, para que a pesquisa fosse vivenciada por todos sem dificuldade, pois a maioria estuda em cursos noturnos e trabalha ou estagia no período diurno, por isso precisam planejar bem o horário de encontro e pesquisa.

Em sala de aula, desenvolvíamos o plano de aula e acrescentávamos com experiências que os alunos socializavam sobre o que tinham “olhado” durante a semana.

- *Não sabia quanta “coisa” tem no meu bairro, assisti sessões de cinema na escola e um grupo de teatro de rua.*
- *No meu bairro, as pessoas se organizaram em uma rua e com o passar do tempo formaram um grupo de teatro que faz exhibções em estações de trem.*
- *Descobri que temos grafiteiros que pintam os muros do bairro é só dar o tema.*
- *Os bailes funk que acontecem são organizados por um grupo de DJs que se organizam e fazem a programação,*

divulgação e apresentação da festa.

- *Minha vizinha me falou que ia na Fábrica de Cultura, onde a filha dela fazia balé, eu fui ver e fiquei surpresa.*
- *O Projeto Guri é maravilhoso e tem no meu bairro.*

E muitas descobertas foram expostas durante as aulas. A cultura foi reconhecida em sensações e os sentidos discutidos com reconhecimento e conhecimento do prazer de fazer parte do local e poder falar com propriedade sobre ele.

Entre entrevistas com profissionais dos locais pesquisados, conversa informal com moradores (alguns vizinhos dos alunos), a pesquisa foi crescendo e tomando formato da valorização da cultura local.

O registro para exibição foi através da preparação de slides com imagens e vídeos.

As apresentações foram enriquecedoras e mostraram diferentes ambientes culturais. Os mais comuns, porém não frequentados e as vezes nem conhecidos pelos alunos foram as Fábrica de Cultura, localizadas em diferentes regiões, tais como: Vila Curuçá, Sapopemba, Itaim Paulista, Jardim São Luís, Parque do Belém, Vila Nova Cachoeirinha, Capão Redondo, Jaçanã, Cidade Tiradentes, Brasilândia, as dezenove unidades do SESC na grande São Paulo, várias unidades dos CEU (Centro Educacional Unificado), Escola de diferentes linguagens artísticas em diferentes bairros. Mas o olhar foi além e trouxeram as manifestações em muros com grafites, coretos com exposições de cantores locais, ruas onde acontecem noites de Bailes Funk, Shopping Center que promovem atividades artísticas, praças reconhecidas como ponto de encontro para os idosos e também como Pok Stop – para prática do jogo de caça de Pokimons – Escolas da Rede Pública que abrem nos finais de semana e promovem eventos culturais para comunidade; e para nossa surpresa, a cada aula tínhamos mais materiais para trabalhar, porém percebemos que a sala de aula estava com paredes amarrando essas pesquisas enriquecedoras.

Os grupos trocaram materiais por email e mandavam mensagem avisando a programação cultural dos “seus bairros”.

NOSSAS DESCOBERTAS, NOSSO PRAZER VIRTUAL

É impressionante como a comunicação e nossos hábitos de muitas pessoas mudaram depois da acessibilidade da internet. Para muitos a rotina, como ler o jornal

tomando café transformou-se em acessar sites de notícias em tempo real, os telefonemas para pessoas, do convívio pessoal e profissional, passaram pela visita em e-mail, redes sociais, mensagens e a cada novidade que aparece rapidamente, reuniões profissionais podem ser feitas on-line, facilitando a conversa independente da localização, sem falar de todas as transações financeiras que podem ser feitas em um clique, esses são alguns dos inúmeros exemplos que a tecnologia digital nos permite.

Nossos alunos, também deram seus depoimentos em relação ao uso da internet:

- *Não saio de casa sem ver meu Facebook, email e site da faculdade, preciso saber como vai ser meu dia.*
- *Leio todos os textos indicados pelos professores, mesmo os que não estão disponíveis on-line, escaneio e leio quando tenho folga no trabalho.*
- *Não uso mais relógio e nem agenda de papel faz tempo, controlo meus horários em usar o celular como despertador, minhas redes sociais e sites que utilizo como informativo das notícias em tempo real e no meu twitter posto todos meus compromissos e programas.*
- *Vejo meus filhos em casa e na escola através do aplicativo que baixei no celular. Não estou com eles, mas sei de tudo.*
- *Quando roubaram meu celular, parecia que tinham tirado uma parte do meu corpo, ou melhor, meu cérebro porque não lembro nem mais o número de telefone do meu marido.*
- *Minha filha, de dois anos, mexe no meu celular e baixa um joguinho com tanta facilidade que eu fico assustada.*
- *Penso como era antes da internet e acho que não conseguiria ter uma vida tão organizada.*

Muitos foram os depoimentos e alunos curiosos quiseram saber como nós, professoras, utilizamos internet na nossa vida.

Foi realmente uma viagem no tempo, lembramos quando eramos adolescentes, telefone fixo era para poucos e até forma de status, todas as pesquisas eram feitas em bibliotecas, todos os trabalhos escolares eram datilografados, as professoras usavam mimeógrafo e o quadro negro eram o único recurso para se “copiar” toda tarefa, toda programação cultural era vista somente pelo jornal, e tantas outras lembranças que nos fazem valorizar a internet totalmente. E hoje, toda informação está em tempo real, as pesquisas estão mais interessantes, os livros continuam, e para nós sempre continuaram, contemplar nossas viagens literárias, mas temos a opção de acompanhar vários comentários sobre eles, podendo criar um debate on-line bem interessante, quanto a nossa rotina pessoal mudou para melhor e a organização das tarefas ficou mais fácil,

temos acesso a filmes, fotos e vídeos que nos encantam e completam nossas aulas, continuamos a valorizar a internet.

Valorizar, pesquisar e atualizar sempre foram nossas prioridades, por isso nosso interesse nos teóricos que apresentam estudos sobre as formas culturais ligadas a história das tecnologias comunicacionais, porém nossa maior inspiração vem da professora e pesquisadora Lúcia Santaella, que descreve com propriedade e competência a evolução “dos ciclos comunicacionais e culturais”.

Colocando-se todas as camadas juntas, a paisagem midiática atual apresenta uma multiplicidade de características, como se segue:

- a) Inovativa: período de mudanças tecnológicas profundas e prolongadas em que mídias são criadas, dispersadas, adotadas, adaptadas e absorvidas em ritmo dramático.
- b) Transformativa: há uma fase de experimentações estética e sociais enquanto a sociedade vai absorvendo e muitas vezes antecipando novas tecnologias midiáticas.
- c) Convergente: a comunicação se organiza no cruzamento de múltiplos canais tanto corporativos quanto de origem popular.
- d) Multimodal: o mesmo conteúdo pode ser encontrado em múltiplas representações.
- e) Global: as mídias permitem interações entre pessoas em torno do mundo, o que produz impactos positivos e negativos nas culturas locais.
- f) Em Rede: as tecnologias das mídias estão interconectadas de modo que as mensagens fluem de um lugar e outro.
- g) Móvel: as pessoas podem levar com elas as suas tecnologias comunicacionais.
- h) Apropriativa: novas tecnologias facilitam o arquivamento, anotação, apropriação e recirculação do conteúdo de mídia.
- i) Participativa: borra-se a linha divisória entre consumidor e produtor em ênfase crescente nas afiliações sociais e engajamento ativo em torno do conteúdo da mídia.
- j) Colaborativa: a emergência de novas estruturas de conhecimento e criatividade depende de deliberações e soluções de problemas compartilhadas.
- k) Domesticada: os muros entre as comunidades culturais são quebradas à medida que as mídias fluem através de vários lugares de produção e consumo no contexto de uma sociedade multicultural.
- l) Domesticada: as mídias estão inteiramente integradas nas interações sociais cotidianas.
- m) Geracional: existe diferenças agudas entre gerações em termos de acesso ao conhecimento, gostos e interesses culturais e formas de participação e aprendizagem.

- n) Desigual: o acesso às tecnologias, habilidades, oportunidades de participação é desigualmente distribuído entre a população. SANTAELLA, 2007, p.124

A multiplicidade de características descritas pela autora inspirou na realização desse projeto e na provocação com os futuros profissionais, acreditamos que necessitam conhecer a “inovativa” para tornar-se crítico as mudanças tecnológicas, sem o preconceito que ainda encontramos em alguns profissionais que atuam na educação, a “transformativa” para poder trazer para a educação as antecipações e transformações, aceitando o aprender a aprender com os alunos, a “convergente” promover a comunicação entre os envolvidos, todos os componentes devem sentir-se pertencentes e comprometidos com o projeto educacional, a “multimodal” não ter medo de inovar, a educação precisa entender o passado, conhecer o presente e acreditar no futuro, a “global” – com certeza a nossa grande inspiração – permitir interações entre pessoas em torno do mundo, “em rede” literalmente o Blog que dará acesso a pesquisa, a comentários, compartilhamentos e estudo, “móvel” sem local fixo para ensinar e aprender, “apropriativa” compreender o espaço para mais trabalho compartilhado, “participativa” aproveitar o espaço virtual para transformar a educação em educação compartilhada de qualidade, “diversificada” divulgar o multiculturalismo, demonstrar o trabalho de pesquisa, divulgá-lo com respeito e orgulho, “doméstica” acessar em qualquer hora e lugar, “gerencial” respeitar e provocar os interesses no acesso, como forma de aprendizagem e, “desigual” entender as desigualdade de acesso e promover atividades que deem oportunidades à todos igualmente.

Aceitando a internet como ferramenta indispensável para nosso trabalho, convidamos os alunos a localizarem seus bairros no Google Maps e acrescentarem os pontos culturais que gostariam de divulgar.

Percebemos que nosso trabalho estava se complementando quando aliamos as disciplinas de Programas e Currículo, Conteúdos e Saberes do Ensino Fundamental I, Metodologia do Ensino de Ciências, Metodologia do Ensino de Arte, pois a partir das pesquisas os alunos construíram atividades para convidando cidadãos para conhecerem a cultura local.

Porém, esses cidadãos, não são somente os locais, mais sim os globais e a partir daí o Blog foi sendo alimentando.

Com a finalidade de levar os conhecimentos além da sala de aula, as professoras tornaram-se as mediadoras, os alunos alimentadores de informações e o material pesquisado, o conteúdo de divulgação.

O espaço orgânico integra o ser humano no seu ambiente natural; o espaço perceptivo é essencial para a identidade como pessoa; o espaço de existência o faz pertencer a uma totalidade social e cultural; o cognitivo significa que ele é capaz de pensar sobre o espaço, e o espaço lógico lhe fornece uma ferramenta para descrever abstratamente todos os outros. SANTAELLA, 2007, p.171

A cada ícone marcado no mapa, temos mais do que informações, temos alunos mostrando a cultura que foi conhecida e reconhecida como orgulho pessoal e local. Cada cor, cada mensagem, cada dúvida, percebemos o quanto estamos a favor da geração nativa na era digital, pois falamos sua linguagem e percebemos a aprendizagem dos que por diferentes motivos temiam aceitar a internet como aliada ao conhecimento, a educação.

Nesse sentido, os questionamentos apontados por Almeida: Valente (2013, p.122), em que “Propor atividades curriculares baseadas na investigação que o aluno pode realizar utilizando as tecnologias Digitais de Informação (TDIC), inserimos nessa atividade ferramentas que permitissem aos alunos protagonizar e compartilhar o que estavam descobrindo e ao mesmo tempo, enxergassem como possibilidades que pudessem ser inseridas no contexto os quais vivem”.

PROTAGONIZAR E TRANSFORMAR CURRÍCULO

Os alunos envolvidos no Projeto, saíram a campo em busca de descobrir o que havia em seu bairro que poderia ser utilizado para enriquecer atividades que poderiam ser desenvolvidas e ao mesmo tempo inseridas no currículo, as quais faziam parte do mundo dos alunos.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. FREIRE (2011, p. 29).

E assim aconteceu com os alunos participantes, realizaram descobertas em seus bairros que os fizeram tomar ciência que próximo a eles existia um Capital Cultural o qual não pode ser ignorado ou escondido dos alunos que ali estão. Esses alunos passaram a ver e valorizar as algo que ainda não tinham enxergado, porém fazia parte do bairro em que habitam, porém ainda não era atribuído valor ou até mesmo considerado como algo significativo para se trabalhar em sala de aula.

- Quando as professoras falaram que nós iríamos ser protagonistas. Pensei, será que nós podemos?

- Eu imaginei que participar de um projeto era “coisa de outro mundo”. No começo tinha medo de falar sobre o tinha pesquisado perto da minha casa e achava que tudo que tinha feito estava errado.

- Nas aulas estudamos as “Revoluções do século XXI”, o que nos ajudou muito, pois estudávamos a teoria e construíamos a prática. Falar das “revoluções” estão acontecendo comigo, também é importante. Estou vendo a educação com outros olhos, e a ideia de protagonista, me orgulhou muito. E vejo que minha rua, meu bairro, minha cidade, faz parte da minha educação. E que devemos mostrar isso nas escolas.

- Eu agora sou o protagonista da educação que estamos transformando, ou melhor, cada um de nós podemos ser o protagonista, o que faltava era motivação.

Esses são depoimentos de alguns alunos, após realizarem a descoberta do capital cultural de seu bairro e passaram a olhar esse local com outro olhar, perceber que o belo está próximo e que ainda não o havia percebido e a partir daí iniciar comparações do que descobriu com o que existe em outros locais da cidade e ainda, conforme nos aponta Freire:

“É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que ainda pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é porque é novo, assim como critério de recusa ao velho não é apenas cronológico, o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. FREIRE, 2011, p.35

O que os alunos relataram é que as descobertas que realizaram sempre estiveram no mesmo lugar, aliás, existiam há anos, porém eles próprios não haviam observado, ou

até mesmo valorizado.

- Quando via alguma pracinha, meu único pensamento era: “por que não constroem mais casas, antes de fazer essas praças sem sentido”. Agora vejo que naquela praça está a educação fora da sala de aula, que podemos ensinar e aprender todas as disciplinas em um lugar público.

- O CEU perto da minha casa tem uma programação completa. E eu sempre critiquei as pessoas que entravam lá, achavam que saiam de casa por não ter o que fazer. Agora vejo que educação não-formal deve ser valorizada.

- Fiquei orgulhoso de saber que a prefeitura investe nas Fábricas de Cultura. Fui na do Belém conversei com os profissionais de lá e depois fiz entrevista com as pessoas que frequentam. Todos só elogiaram. A única reclamação é que, às vezes, os cursos não começam por falta de procura, por isso acho que deve ser divulgado esse nosso trabalho em escolas. Os professores das escolas do bairro tem que se envolver.

Por um lado, eles até mesmo consideraram essas descobertas como antigas, porém com olhar novo, olhar de quem passou a aceitar o que o bairro possuía com olhar de valorização e de uma forma mais ampla, participativa da cultura.

Esse aluno o qual estamos nos referindo está em formação e em alguns semestres, estará adentrando as salas de aula, só que desta vez como professor iniciante.

[...] é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o certo do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso por um lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. FREIRE, 2011, p. 38-39.

Esse aluno, ao vivenciar situações as quais o fez olhar e enxergar o local o qual habita, assim como anotar, e apresentar aos seus colegas de classe e ao professor o que encontrou em seu entorno, faz com que ele se orgulhe e muitas vezes veja que o local onde habita também existem possibilidades de enriquecimento do currículo com os costumes, hábitos e locais culturais, mas para isso é necessário que o professor em formação tenha vivenciados e conhecido o que há em seu entorno.

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a *assunção* de nós por nós mesmos”. FREIRE, 2011, p.41-42.

Nesse sentido que as professoras envolvidas nesse projeto se empenharam em proporcionar aos seus alunos, novas descobertas culturais e como inseri-las no currículo, não como são indicados nos livros, mas como isso pode ocorrer na prática diária, com o que se tem de melhor de acordo com a realidade de cada um.

Trabalhar com problemas ou projetos rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas de conhecimento, mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade. Isso não significa abandonar as disciplinas, mas integrá-las no desenvolvimento das investigações em torno das questões envolvidas nas situações, aprofundando-as verticalmente em sua própria identidade, ao mesmo tempo que se estabelecem articulações horizontais numa relação de reciprocidade entre elas, a qual tem como pano de fundo a unicidade do conhecimento em construção. FAZENDA, 2012, p.38

Trabalhar nesse projeto envolveu além da construção, participação, colaboração, articulação, a reflexão sobre a educação que conhecemos e a que queremos. Quanto as disciplinas que temos no currículo, assim como cita FAZENDA, “integrá-las” é a nossa

proposta, todo conhecimento será agregado e incorporado as novas práticas de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES, NUNCA FINAIS

*Estou conectado, logo existo.
Kenneth Gergen*

Não podemos pensar em considerações finais, cremos que a educação está sempre se renovando e se adaptando ao nosso e novo tempo.

O tempo, o espaço e a velocidade de informação tem transformado nossas vidas e não pode ser diferente quando falamos em educação para promover o conhecimento e a cultura.

Esse projeto que começou de uma conversa informal, mas temos muito a agradecer a nossos alunos pois o nosso Blog existe, está vivo, alimentado a cada postagem, a cada disciplina e trabalho relacionado, a cada mensagem que recebemos dos ex-alunos, alunos e internautas em geral.

Destacamos nesse artigo, somente uma das camadas do blog que nomeamos como “*Olhar dos alunos para cultura e suas propostas de transformações na educação do século XXI. Pesquisando os bairros, os parques, as ruas, os centros culturais... na cidade*”, por ser a que iniciou o projeto, mas outras pesquisas podem ser acessadas.

Porém, mapear os pontos turísticos de São Paulo é com certeza um trabalho muito prazeroso, pois vivemos em uma megametrópole com muitas atrações, quase todas divulgadas nas diferentes mídias. Porém, este trabalho está divulgando os diferentes pontos da cidade, aqui não se trata de periferia ou de centro, nesse tratamos e sempre trataremos como pontos, pois acreditamos que a cultura não tem endereço, tem vida. Vida que deve ser respirada, cheirada, sentida, comida, cantada, acariciada e sempre postada para que muito mais pessoas vejam a educação além da sala de aula, além dos muros da escola, além do olhar preconceituoso do que pensa que a cultura está só em algum ponto da cidade.

O que as camadas desse Blog tem em comum? O entusiasmo dos participantes seja na elaboração, na apresentação ou na leitura de cada postagem, cada comentário - que pode ser um entusiasmo “Parabéns” ou até uma pergunta sobre mais detalhes de como participar – o projeto fica mais enriquecido e detalhado.

Temos considerações que acreditamos, professoras e alunos/pesquisadores, que

devemos “abrir nosso olhar” para todas as manifestações culturais, sem preconceito, sem diferenças e sem medo de olhar. Esse “olhar” vai muito mais além do local, vai para o conhecer, participar, e agora nesse nosso trabalho vai para o divulgar para o mundo. Pois, sabemos que se depender da nossa vontade, os pontos serão pesquisados por todos os alunos/pesquisadores que nos derem a honra de acompanhar nossa trajetória profissional, os pontos serão visitados pelos internautas e esses serão convidados a conhecerem e continuarem a divulgação da cultura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. *Web Currículo: integração de mídias nas escolas com base na investigação com o estudo de fatos científicos para o fazer científico*. In: RAMAL, A. ; SANTOS, E. (orgs.). *Currículos – teorias e práticas*. Rio de Janeiro, LTC, 2012. pp. 121 – 136.

DEWEY, John; *Experiência e educação*; tradução de Renata Gaspar; Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa – 18a Ed.* Campinas, SP, Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____ ; *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, UNESP, 2000.

_____ ; *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1968.

_____ ; *Política e educação: ensaios*. São Paulo; Cortez, 1993.

SANTAELLA, Lucia; *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, São Paulo, Paulus, 2007

